ANO XV — SABADO, 29 DE JANEIRO DE 1916 — NUMERO 284

# A Lanterna

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE SOCIAL

PUBLICA-SE AOS SABADOS
Red. e adm.: Rua 21 de Abril, 61, (Braz)
Numero avulso: Da semana, $100; atrasado, $200
*A inserção de anuncios na 4.ª pagina é feita mediante preços convencionados*

Director: EDGAR LEUENROTE
ENDEREÇO: CAIXA POSTAL N. 195 — S. PAULO (BRASIL)
ENDEREÇO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:
ANO, PARA TODO O BRASIL. 10$000 | SEMESTRE, IDEM . . . . . 6$000
PARA O ESTRANGEIRO, ANO . . . . 15$000
O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

## A farsa democratica

E' mesmo de se lhe tirar o chapéu o tal regimen da democracia.

E o que pr'aí está a imperar é bem dele um legitimo especimen com todos os seus matadores.

Assim é em toda a parte, apenas com alterações na fórma. Questão de rotulos varios, unicamente.

Que o povo é quem governa pelos seus legitimos delegados, por ele livremente escolhidos, afirmam os ridiculos histriões politicos.

Na realidade, vê-se, porêm, ao que se resume a famosa soberania popular: o povo aparece, quando muito, como figurante.

Inconfundivel prova disso tivemo-la ainda agora.

Bons mezes faltavam para terminar o mandato do actual presidente e já se sabia quem o substituirá.

A escolha do novo cacique foi, como sempre, o resultado de baixos conchavos entre os grupos que, dentro do bando, disputam a sua chefia.

A tal comedia da convenção confirmou a vontade do sátrapa supremo, essa nova encarnação de Tartufo que se aloja nos Campos Eliseos, quando, se humilde fôra a sua situação social, talvez estivesse lá para as bandas do Guapira a maldizer as injustiças da sociedade madrasta.

Resta a consagração eleitoral, mas o que isso é, aqui e em toda a parte, sabe toda a gente a quem não falta um bocado de bom senso: uma farsa muito reles em que os pobres eleitores representam o papel nada nobilitante de comparsas.

Antes assim, pois mais facilmente compreenderá o povo a odiosidade da sua situação e tratará de fazer taboa rasa desse carcomido alcabouço social que está a cair aos pedaços — para depois estabelecer o regimen de igualdade economico-social, onde os parasitas da politicagem não terão a possibilidade de esbanjar com as hetairas de alto bordo, pelos porões dos teatros de luxo, o que falta á maioria laboriosa para satisfazer as necessidades mais urgentes da vida.

## BIBLIA VERMELHA

*E' para o culto do lar e para o culto da terra, para o culto da escola que devem volver todos os olhares e atenções.*

*A formação de um povo não depende do habil manejo das armas assassinas, da obediencia constrangida do soldado; mas da cultura que se der, da educação que se ministrar ás gerações em flor.*

♣ ♣ ♣

*A arte, quando nos comove, quando desperta em nós sentimentos superiores e delicados é revolucionaria.*

| N. V.

## Ecos & Notas

### QUEM ELE É

Já está nomeado o substituto do rançoso conselheiro monarquista que a imbecilidade dos republicanos consagrou como um extraordinario estadista e colocou na chefia suprema desta feitoria.

Ainda não se realizou a eleição, mas essa é uma formalidade dispensavel.

Reuniram-se em solene conluio os quadrilheiros e escolheram para chefe futuro aquele que o actual indicára dentre os seus palacianos mais r...rentes.

Quem ele é sabe-o já toda a gente que, tendo o estomago forte e tempo para mal gastar, dispensa alguma atenção á politica.

E', como todo o mortal que nasceu de pais mais ou menos dinheirosos, portador da carta de bacharel e dum queixo que está a disputar a primasia á sua devoção pelas onze mil virgens e concomitante padre Faustino.

De uma das multiplas feições da sua extraordinaria individualidade, cujos meritos são tantos que chegam a ser desconhecidos, se ocupou o *Estado de S. Paulo* nos periodos seguintes:

«O dr. Altino Arantes, ao contrario, era, não podia deivar de ser um intransigente, um sectario, como todos os catolicos que levam a pratica do catolicismo ao excesso notorio a que s. ex. a leva. Não havia em S. Paulo quem não conhecesse o seu ostentado fervor religioso e a sua intima ligação com alguns dos mais reaccionarios representantes do clero paulista.»

*Ecce homo!* Tal é o individuo que, como delegado da associação oligarquica consessionaria deste rendoso departamento do Brasil, vai, do capitolio dos Campos Eliseos, presidir, durante quatro anos, a expoliação deste paciente povo.

Unicamente para apontar o futuro inimigo-mór é que de semelhante criatura nos ocupamos.

Para o povo pouco importa que o simbolo do poder seja o cavanhaque dum conselheiro tresandando a sebastianismo ou o queixo dum bacharel a feder sacristia.

♛ ♛ ♛

### ISSO NÃO!

O simpatico vespertino *O Combate*, atacando de rijo o novo imposto decretado pelo governo, diz que outros fossem os futuros governantes e o povo, ante a perspectiva de bancarrota, suportaria resignado o agravamento da tributação. E acrescenta:

«Afinal, que é o Estado senão o povo mesmo? Ao povo, pois, competiria evitar a falencia. Seria escolher dos males o menor.»

Confundir Estado-governo com o povo?! Isso é que não! O Estado-governo é a camorra com que a burguesia expolia o povo, a quem cabe o dever de trabalhar pela sua falencia.

Escolher dos males o menor seria repelir toda e qualquer tributação, porque todas elas são odiosas e tiranicas, pois tendem á manutenção desta sociedade monstruosa que a todos infelicita.

♛ ♛ ♛

### REGIMEN DA ROLHA

O director d'*O Parafuso* foi novamente condenado num processo que lhe moveu uma dessas famosas arapucas por aí armadas, com o nome de mutuas, á boa fé dos incautos.

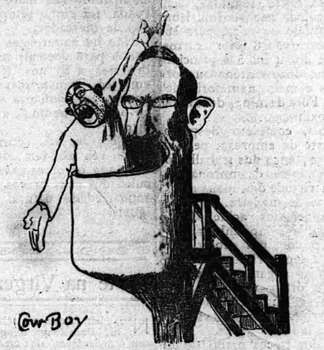
O irreverente panfletario denunciou-lhes as bandalheiras e os atingidos pela sua critica responderam-lhe com um processo. Não os preocupou a salvaguarda da sua reputação, com o desmentido formal das acusações contra eles sustentadas com valentia; animou-os apenas o intuito da vingança.

E o jornalista foi condenado a somar mais seis meses aos quatro que já passou na Penitenciaria, por ter dito certas verdades desse secretario cuja unica habilidade é posar pedantemente para as codaques consagradoras da imbecilidade o sorriso idiota com que tenta encobrir os vandalismos dos seus subalternos.

E' o regimen da rolha que se pretende impôr á imprensa de combate.

♣ ♣ Queremos que o nosso jornal, seguindo a orientação moderna da imprensa independente, seja uma tribuna de livre discussão, para a investigação sincera da verdade e como um éco ás largas aspirações do nosso tempo.

## PULPITO DA NOVA CATEDRAL




*— Não exclameis contra o novo «Ele» : «Ad patibulum, ad patibulum».*

## ANO NOVO

*Voltamos á liça quando um novo ciclo gregoriano vai em começo.*

*Consideramo-nos, pois, dispensados de, em satisfação a um habito corriqueiro, fazer éco ao côro de maldições ao ano expirante, saudando com doidas hosanas o que surgia por entre caras esperanças de dias mais felizes.*

*Ano novo, vida nova — diz o vulgo ingenuo. Velharia, preconceito, dizemos nós.*

*A vida, como se vê, vai seguindo o seu velho curso: a maioria laboriosa trabalhando, espesinhada e sofrendo miserias, para manter na ociasidade uma minoria parasitaria e tirana.*

*O ano novo do povo registra-lo-á o calendario quando ele, pelo seu proprio esforço, fizer a revolução social, derrubando a hedionda sociedade presente para iniciar vida nova, num regimen de verdadeira liberdade, igualdade e fraternidade, tendo só então as suas boas festas.*

O Comercio de S. Paulo *publicou este telegrama de Campinas:*

*«Acha-se entre nós o revmo. Benedicto Calixto, que aqui vem fazer uma exposição de pintura.»*

*Tal é o carolismo do pintor famoso, que já lhe pespegam com o reverendissimo mestro sem o zero no alto do cocoruto.*

## O fracasso inevitavel

A campanha militarista iniciada pelo sr. Bilac fracassou ridiculamente. Todo o individuo que, enchergando dois palmos adiante do nariz não se deixa impressionar com discursos retumbantes e ôcos, previa isso como logico e inevitavel.

O serviço militar obrigatorio no Brasil!... O cidadão Olavo quiz divertir-se com a gente. Ele mesmo parece não ter tomado a campanha a serio. Senão não teria afrouxado tão depressa o seu entusiasmo pela caserna, na qual via a regeneração do caracter nacional...

Coitado! cansado de lutar pelo ideial de que se fez propagador (pago para esse fim, já se vê), embarcou para a Europa, onde vai repousar alguns mezes das fadigas e dos trabalhos exaustivos da propaganda fracassada.

Estamos em época de avacalhamentos; não se deve, pois, estranhar que um poeta principesco se avacalhe tambem...

**Ricardo.**

## Impressões de um revoltado

Não faz muito tempo que tive ocasião de ler topicos de uma correspondencia intima vinda da Europa, e que dizia ser já agora inevitavel, na França, uma Revolução Social ou... uma monarquia.

Sorri a esta ultima ideia. Entretanto, dada a sua proveniencia, que eu reservo, ela não me passou sem ligeiros comentarios. Quanto á primeira só satisfação senti; surpreza, não.

Precisamente, a ideia monarquica aludida na missiva acima, não é mais do que uma observação pessoal sobre a influencia que então alcançara no espirito francez a atitude do rei Alberto da Belgica, que, com a guerra, se tornara o *heroi do dia*, na Europa ocidental.

E se quizessemos ajuntar mais raciocinios a isso, não passariam, por certo, de meras conjecturas politicas, que bem longe ficariam dessa verdade que o missivista perspicaz enuncia antes — a inelutabilidade do advento da Revolução Social.

Porque a Revolução Social na Europa é uma verdade em marcha triunfante: é preciso que todos saibam, que ninguem se faça de desintendido ou sinta-se tomado de surpreza.

E' preciso que todos aqueles espiritos que se forem libertando das mentiras, dos convencionalismos das sociedades e das intituições burguesas, que apocrifamente se dizem democraticas; é preciso que todas aquelas inteligencias que tiverem rompido de vez com os preconceitos de quaisquer matizes — sopesem o grande acontecimento historico e filosofico, que, mais dias, menos dias, surgirá á face do globo; é necessario que todos então o recebam sem tibiezas de animo, nem vacilações filhas da ignorancia e do erro hereditario.

E' preciso limar-se a corrente do atavismo para transitar-se para a Liberdade!

Na escola dos livres não se ensina a ter cautelas mais ou menos timidas, mas se aprende a ser unido porque só a união faz a força e dá a fortaleza; não se cogita de esconder os factos e medir suas consequencias, mas de prever estas como o efeito logico de uma causa real, e hombrear com elas.

A cauca do povo, do proletariado em geral, da enorme massa dos expoliados, tem sido entravada, até hoje, por uma politica vesana, astuta e criminosa. Mas o triunfo definitivo da Justiça sobre a falsidade de umas tantas ilusorias remodelações politicas que se fazem chamar — regimen liberal, democratico, representativo, etcetera, redourando sempre a pilula para ser reprimida a revolta do povo, — ha-de sôar vibrante no seio da multidão, mais dias, menos dias, agora que tantos seculos de experiencia nos teem demonstrado e apontado iniludivelmente a larga estrada da emancipação economica da tutela politica e governamental, passando para o livre entendimento do povo, a manutenção de todas as necessidades da vida. E, com isto, o advento de uma sociedade melhor, onde reinem a paz, a justiça e a liberdade.

Bemvinda seja, pois, a aproximação da *Hora*, de que nos fala Berthelot no seu *Evangelho*, que ha-de sôar com o advento da Revolução Social.

*S. Maria*, (R. G. do Sul).

**Marques Guimarães.**

## INTOLERANCIA RELIGIOSA

### Sergipe sob a acção da cancerosa tarantula de coroa e de batina

**Torpeza de um microscopico continuador dos torosos S. Cirilo e Torquemada — E' preciso estar alerta para amputar a cabeça do repugnante animal**

Em local de 26 do mez preterito o *Jornal do Povo* noticia um vergonhosissimo caso de perseguição religiosa, bem aqui em nosso desprotegido estado, no municipio de Espirito Santo (santa coincidencia!).

Infere-se da referida noticia que um infame ministro catolico, um abjecto tentaculo do polvo repelente que é o clericalismo em Sergipe, como em toda parte, promove encarniçada perseguição contra adeptos de outras convicções misticas, de alguma forma opostas ás suas.

Este exemplo tão preciso que nos dá o negregado vigario daquela freguezia, é uma amostra dos perversos sentimentos que sempre habitaram e ainda actualmente continuam a habitar a alma lodosa destes exploradores da estultez publica.

A acção torpe do padre Abilio Mendes, atirando sobre a cabeça de alguns adeptos do protestantismo em sua localidade (como ele sectarios do mesmo credo cristão!) a venenosa peçonha segregada pelas glandulas repugnantes da fé grosseira e moribunda que determina seu proceder, é um facto gravissimo para a evolução futura da nossa sociedade.

Presentimos na espessa fumarada que começa a evolar-se da fogueira inquisitorial em que serão calcinadas as poucas liberdades que ora possuimos, os dolorosos sintomas de uma profunda regressão já iniciada em nossos valores intelectuais.

O monstro da superstição religiosa, representado por sua mais poderosa excrescencia — o catolicismo romano — reconhece-se poderoso, apto para a vitoria das trevas, e empreende entre nós a preferida tarefa de todos os tempos — ocultar pela violencia ou pela velhacaria a luz do livre pensamento, já que extingui-la é impossivel!

A cancerosa tarantula de coroa e batina, computou seu valor coletivo, como agremiação homogenea e poderosa que é, e ficou deslumbrada ante a sua onipotencia.

Realizado o balanço dos valores, conhecido o total dos fatores dispersos, e prontos para uma colaboração comum, orientada ao mesmo fim, os deleterios elementos clericais aprestam-se para a luta.

O nojento reptil, que vem atravez dos epocas historicas, tolhendo com seu lento rastejar a evolução humana, envenenando os melhores caracteres, desperta em nosso meio, e temendo a anquilose destruidora das energias acumuladas, movimenta os doceis aneis, rasteja em massa compacta, e avança em pavorosa ascendencia!

Nada de novo, e que nos cause extranheza. O facto é simplesmente a repetição de todas as atrocidades contra individuos e povos, de que a historia da civilização está repleta e cujas responsabilidades sabemos recair sobre elementos cristãos. Foge-lhe até o valor fortuito da originalidade.

O vigario Abilio Mendes é um microscopico continuador dos torosos acelerados que foram S. Cirilo, os imperadores cristãos dos tempos primitivos, Alexandre VI, Torquemadas e milhares de bandidos outros.

Não nos venham observar os velhacos aduladores do clero, estes centenares de degenerados que vivem a sugar as recheiadas mamas da vaca cristã, nutrida fartamente com os dinheiros extorquidos ao povo boçal, que o padre indigitado constitue uma lamentavel excepção.

Não; repelimos energicamente esta mentirosa alegação. Ministros religiosos perversos, gatunos, assassinos, hipocritas é a regra geral.

Padres honestos? Será isto possivel? Sim é possivel.

Existem poucos, rarissimos, e constituem excepções.

Estas surgem, precisamente, para a confirmação das regras.

O scetico Diogenes da satira poderia novamente em nossos tempos passeiar pela cidades modernas, como fez outrora em Atenas, á *procura de um homem*, e não encontraria — afirmamos com absuluta certeza — consoladora proporção de padres dignos. Ainda mesmo auxiliado não mais pela lanterna lendaria, porém de uma poderosa fonte de luz de *milhares de velas*, o filosofo cinico pasmaria ao verificar que a porcentagem procurada não excede *um por cento!*

Mas... Que ha de absurdo nisto? Absulutamente nada.

A linha de conduta do clero contemporaneo, está em tudo concorde com a tradição historica e o proprio caracter da doutrina. Não tem sido o cristianismo a mais intolerante de todas as crenças religiosas?

Não é o proprio Cristo, fundador da doutrina, que se irrita e repele brutalmente o discipulo Pedro, só porque este ousa fazer-lhe uma insignificante observação?

Para que melhor testemunho de intolerancia mistica?

O cristianismo tem sido sempre em todos os seculos e em todas as partes, do mais extremado absulutismo e nunca coaduncu-se com crenças extranhas. Em os paizes a que foi propagado por seus adeptos, ou venceu destruindo as crenças opostas, pela forma mais cruel e deshumana, ou não logrou aceitação.

Isto explica porque a historia do seu formidavel triunfo, se mostra barbara e sanguinolenta.

## ♣ ♣ CAUTERIOS ♣ ♣

### "A Lanterna" rediviva

*O' gente má, que tem o bom costume*
*De roer hostias e sugar galhetas,*
*Foge, procura os cafundós, e as gretas*
*Do teu côio tapeta com betume!*

*Pois, sem temer corôas e caretas,*
*A Lanterna de novo acende o lume,*
*Toma do gladio de impedido gume*
*E põe-se á frente da hoste dos capetas!*

*Quem é vil e cobarde, que se esconda,*
*Que ela as vilezas todas esbarrouda*
*E, no seu facho rutilante, traz,*

*Feito entusiasmo, em desassombro feito,*
*O fogo dos infernos, e, no peito,*
*Todo o condão de Mestre Satanaz!*

**Beato da Silva.**

O cristianismo nunca quiz admitir outra autoridade que não fosse a sua; e quando o poder temporal escapou-se-lhe das mãos, longe de conformar-se com o novo estado de coisas, inevitavel e consequente do ciclo de progresso atingido pela humanidade, ofereceu resistencia tenaz e desesperada.

Já Porfirio, o ilustre filosofo sirio da escola neo-platonica, e um dos imortais pensadores que deram combate sem treguas á difusão da superstição judaica nos primeiros seculos, reconhecia a manifesta intolerancia do cristianismo, não só contra as religiões opostas, poiêm contra a cultura humana em geral, afirmando positivamente ser este: «uma doutrina hostil a toda civilização avançada, inimiga de todas as leis do Estado».

(João Alzog. Historia Universal da Igreja. Vol. I pag. 174.»

Isto passava-se naquela epoca, (III seculo) quando os sectarios do Cristo não excediam os limites de um miseravel rebanho de seres degenerados e estupidos.

Calcule-se, portanto, o que sucedeu depois, quando seus continuadores conseguiram entronizar imperadores, e conquistaram a supremacia politica sobre os pagãos.

Logo o orgulho apagou-lhes as recordações das perseguições de que pouco antes haviam sido vitimas e metamorfosearam-se em execraveis verdugos.

Os templos pagãos foram destruidos, os bens confiscados, os lares criminosamente violados, e os adoradores dos deuses vieram ocupar os lugares que nas carnificinas dos circos cabiam pouco antes aos cristãos!

Todas estas infamias se fizeram, e ainda hoje se pretende fazer, por *amor ao meigo rabi da Judeia!*

Engana-se redondamente quem supor a ancia de dominio absuluto abandonada pelos elementos cristãos.

Se eles não agem abertamente, é porque não podem mais como outrora podiam.

Se eles não retiram a hipocrita mascara da bondade sob a qual ocultem, forçados, o putrefacto caracter que possuem, é porque o espirito da epoca cercando-lhes os movimentos, obriga-os a esconder as ulceras purulentas de que estão cobertos.

Logo que as condições do meio o permitam, a hiena deixará cair a pele de cordeiro, alva e sedosa, para mostrar com gesto canibalesco as fileiras de dentes aguçados...

Nos espiritos desses entes nocivos subsistem ainda, e subsistirão sempre, os sentimentos perversos que impulsionaram e fizeram agir os negregados membros do Santo Oficio.

Ainda em pleno seculo XX a alma destes monstros é a mesma dos que imolaram a divina Hipatia nas ruas de Alexandria e ofereceram seu corpo ao escarneo horripilante da turba fanatica! E' a mesma dos que fizeram queimar na fogueira apostolos da liberdade como João Huss, Giordano Bruno e milhares de cutros! As plantas daninhas vivem incubadas no solo em estado latente, e prontas ao florescimento, assim lhes permitam as condições climatericas.

O que acontece no reino vegetal, reproduz-se na existencia das sociedades humanas.

O caso do vigario Abilio Mendes é tipico e concorda admiravelmente com nossas asserções.

Prepare-se o povo sergipano para o sacrificio.

A lesma asquerosa já começa a rastejar, cornos destendidos para a frente, e deixando atraz de si a imundicie de sua fria viscosidade!

Estejam alertas os espiritos livres desta infeliz terra patricia.

Estejam todos prontos para amputar a cabeça do repugnante animal.

**Efren Lima.**

---

*Celebrando se um casamento de milionarios numa capela, o rico e enorme cortejo caminhava tão lentamente que um dos convidados do fim exclamou:*

*— Neste andar, só chegaremos dopois do batismo!*

## Voltando á carga

O seu sexto aniversario da presente fase, decorrido em 16 de outubro, atravessou o *A Lanterna* com a sua publicação suspensa.

Foi uma interrupção de tres mezes, após cuatorze anos de de existencia e seis de aparecimento continuado, sustentando vivissimas batalhas em pról da causa para cuja defesa surgiu na arena jornalistica.

E' esse, infelizmente, um facto bastante comum na vida das publicações do caracter desta folha.

E é natural. Combatendo contra todos os potentados e exploradores do povo e não contando com outra renda que não seja a ajuda dos seus partidarios, pouco pontual e sempre parca porque vem do trabalho, as suas condições são de perenes embaraços: vivem do que recebem dia a dia.

Um contra tempo de maior monta póde determinar a interrupção.

Foi o que aconteceu a *A Lanterna*. A não ser um breve periodo mais ou menos folgado, todo o demais tempo foi um lutar diuturno, ás vezes desesperado, para conseguir pôr o jornal em circulação.

Acumularam-se, porfim, dificuldades sem conta, forçando-nos ao silencio de tres meses.

Como se vê, foi um breve armisticio. A folha rebelde volta a ser apregoada na praça publica pelo gavroche irriquieto e a circular por este paiz afóra, fustigando os tartufos de todos os matizes, expoliadores e tiranicos, e a prégar á falange sofredora os ideais de revolução social.

Modificar-se-ia, então, a sua situação? Infelizmente, não é bem isso o que podemos afirmar. Conseguimos apenas vencer as poucas dificuldades que as nossas fracas possibilidades permitiam.

Não nos podiamos, conformar, entretanto, com a suspensão do jornal. A sua publicação era agora, mais do que nunca, indispensavel.

E aí o teem. Contando com quais recursos? Unicamente com aqueles que lhe hão de vir do auxilio dos seus amigos.

Não é preciso, portanto, dizer mais. Nós estamos dispostos a dedicar-lhe o mesmo esforço com que o fizemos vencer os anos anteriores. Pertencer-lhe-á todo o tempo que nos deixar o trabalho para o ganha-pão cotidiano.

Que cada qual cumpra igualmente com o voluntario dever e *A Lanterna* poderá levar a cabo a sua tarefa benficiadora.

---

O aparecimento semanal da folha será reencetado logo que tenhamos podido sorver os compromissos que a sobrecarregam. Por enquanto irá saindo quinzenalmente.

---

A nossa redacção provisoria continúa a ser á rua 21 de Abril, 61, onde Edegar Leuenrote poderá ser encontrado das 17 ás 19 horas.

E' de toda a conveniencia que a importancia das assinaturas nos seja enviada pelo correio. As viagens consomem uma grande parte das cobranças com as suas enormes despesas.

Todo aquele que remeter *directamente* para o nosso endereço a importancia de uma assinatura *anual*, receberá como premio, pela volta do correio, o interessante romance *Noli me tangere (No paiz dos frades)* e os esplendidos folhetos *Entre camponezes* e *Catecismo ateu*.

---

**Pela Mogiana** — O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha está percorrendo as locplidades servidas pela linha Mogiana.

De cobrar as assinaturas e conseguir aumentar o numero dos assinantes é que ele está encarregado.

E' preciso, pois, que todos os amigos o auxiliem.

## DEUS E A GUERRA

O Kaiser e os outros monarcas invocam constantemente a divindade e contam com a sua protecção para lhes assegurar a vitória ou explicam com o seu favor os triunfos parciais. Deus está connosco! pretende cada um deles.

Tambem em 1870 sucedeu o mesmo. E o conhecido jornalista católico Luiz Veuillot escrevia em 14 de agosto de 1870:

«Armas ha que Deus não quer tirar-nos, que não nos tirará e que não dará ao inimigo: temos a Virgem e a Eucaristia».

Em 21 de agosto do mesmo ano escrevia:

«Através dos seus esquecimentos, uma coisa há de que o povo de França não se esqueceu. Deu a Deus padres. Deus deu-lhe soldados. Elevou a Deus templos; Deus conservar-lhe-á o seu territorio. Pelos seus missionarios, mais do que outro povo, quiz conquistar a Deus nações: Deus dar-lhe-á vitorias».

Sabe-se agora o que foi a guerra de 70, a eficacia das armas divinas (a Virgem e a Eucaristia) e o poder de Deus para defender o territorio e dar vitorias...

Verdade seja que os governantes falam em Deus, mas vão depositando a sua confiança no numero de soldados e na abundancia de armas e munições.

Fia-te na Virgem...

DA PORTA DA EUROPA

## Santa Bárbara, patrona dos mineiros

A IGNORANCIA E A SUPERSTIÇÃO COMO INSTRUMENTOS DE EXPLORAÇÃO — O SEGURO DOS OPERARIOS NA COMPANHIA DE DEUS & FILHO, POR INTERMEDIO DA AGENCIA DA SANTA — ENTRETANTO, O ESCRAVO EMBRUTECIDO DESPERTA

Os mineiros de S. Pedro da Cova, no concelho de Gondomar, não longe do Pôrto, fizeram não ha muito tempo, uma greve que trouxe à supuração muitos factos interessantes do seu viver e do modo como são explorados pela Companhia.

Primeiro, a mesquinhez infame e vergonhosa dos salários: por oito horas seguidas, sem descanço, de penosíssima labuta no fundo do poço, para encher de carvão 8 ou 10 carros, em vez dos 4 ou 5 a principio exigidos, doze vintêns ou doze vintêns e meio, namaioria dos casos! Fora da mina, doze horas de trabalho.

Depois, completo desprezo, por parte da empresa, pela vida e segurança dos trabalhadores, dando-se desmoronamentos em virtude dos maus revestimentos de madeira. E como há uma lei dos acidentes no trabalho, a Companhia trata de se furtar com mil subterfúgios e com a sem-cerimónia dos poderosos ao pagamento de pensões aos órfãos e viuvas, comprando a aquiescência ingénua de algumas destas com magras indemnizações.

Um dos traços mais significativos desta horrível e desvergonhada exploração do esfôrço humano, para elevação de dividendos e enriquecimento de parasitas, está na maneira como é utilizada a ignorância, a superstição religiosa dos desgraçados mineiros. Os dirigentes suavizam os seus modos e palavrões brutais para com os servos da mina, arranjando-lhes paternalmente uma protecção poderosa, aliás camprada com os escasos vintêns dos protegidos: a milagrosa protecção de Santa Bárbara!

Todos os anos é descontado aos mineiros um dia de salário para celebrar com pompa a festa da padroeira!

O salário é insuficiente e ridiculo? O trabalho é exaustivo e assassino? Morre-se de fome e de fadiga?

— Santa Bárbara nos valha e nos ampare! Santa Bárbara interceda no paraíso para que aos nossos pecados sejam descontados os grandes tormentos que a Companhia bondosamente nos infiige, com a caridosa preocupação de nos fazer ganhar o céu! Bem-dita seja ela! Bemdita sejas tu, santa milagrosa!

Dentro das minas não se tomam tôdas as precauções necessárias para garantir a vida e a integridade física dos escravos?

— Santa Bárbara nos proteja contra os desmoronamentos, ou pelo menos nos faça depois a graça celestial de amparar os nossos órfãos e viuvas!

Economia engenhosíssima!

A empresa segura os seus operários na poderosa Companhia de Seguros Deus & Filho, por intermédio da agência de Santa Bárbara, deixando o pagamento do prémio aos interessados e dispensando-se por essa forma de mais incómodos.

Entretanto, o escravo embrutecido desperta. Principia a desconfiar da influência amparadora de Santa Bárbara e suspeita-a vagamente de cumplicidade com os gerentes e capatazes. Agentes do demónio murmuram-lhe ao ouvido, nas trevas infernais da mina, tomando a forma de companheiros de labuta, algumas palavras diabólicas de revolta, incitando-o a recorrer a outra santa — a associação — e a outro processo de obter milagres — a greve.

A empresa, graças à vigilância dos seus anjos da guarda, tem conhecimento dessas manobras de Satanás e resolve enxotar os seus agentes. Os fomentadores de desordem são despedidos — e a greve estala, com tôdas as reivindicações do momento.

A Companhia alega as circunstâncias presentes e o facto de ser o carvão um artigo de primeiríssima necessidade; mas não é para ceder às minguadas reclamações dos operários: é para considerar inexplicavel a revolta dêstes e requerer que êles se submetam!

Enfim, ao cabo de poucos dias, os grevistas alcançam uma vitória parcial. Santa Bárbara, que desta vez era invocada pela Companhia em maré de trovoada, fez como sempre ouvidos de mercador.

Não há como estas lições de coisas para destruir nos trabalhadores a fé nos santos do empíreo, transformando-a aos poucos em confiança no esfôrço próprio, na união e na acção directa.

O escravo vai reconhecendo que o céu não tem ouvidos e baixando os olhos para os músculos dos seus braços e para a solidariedade natural dos seus iguais.

**Neno Vasco.**

## Fia-te na Virgem...

Não, leitor, que eu seja incredulo! Para longe o agouro! Eu sou o mais devoto dos crentes; creio em ti, creio em mim, creio em todos os diabos de saia e creio até, leitor, na crise, na crise danada que me faz andar á róda nestes tempos de grossa pendura.

Pois, leitor, eu não sou incredulo mas descreio de que um santarrão lá da côrte celeste se lembre de um pobre mortal deste vale de lagrimas; descreio porque já a minha pobre avózinha perdeu muito vintem lá na igreja de... para que este netinho lhe saisse um belo rapaz e de muito juizo e eu no entanto como belo rapaz lhe saí de muito juizo e como farto de juizo saí um belo rapaz...

Mas, não foi para isso que eu aqui vim. O caso é outro.

O Bretas, chamemo-lo Bretas, é um estudante de direito, mas como tal é torto. Não estuda nem á mão de Deus Padre!

E' um estudante assim ainda muito joven, pequenote e de uma porção de botões de alegria na face. Mas não estuda.

O ano passado, não sei porque, os lentes não o quizeram deixar vêr a familia aí em Tatuí; gostaram da companhia e a quizeram novamente para este ano. Ganhou dois bonbons, isto é, duas bombas, e ficou.

Este ano, porêm, ele já não queria saber da amavel companhia e tencionava passar, pois aqueles homens velhos, que são os lentes, já se lhe estavam tornando insipidos. Vai daí e uma oraçãozinha foi prometida á Virgem lá das alturas...

No dia 1.º deste, quando tudo quanto póde fazer barulho dava sinal da entrada do ano novo, este ao acaso nos foi encontrar á porta da igreja de S. Efigenia, eu, ele e mais um.

Que belo, leitor! Meia-noite, as ruas inteiramente movimentadas, os bondes que passavam repletos, o Bretas orava de mãos ao peito e de joelhos no cimento frio e eu, eu com a mão esquerda no cotovelo direito e com a mão deste braço fechada voltada para cima, assumia uma pose de... São Francisco...

O Bretas orou fervorosamente, orou com devoção; e a Virgem não o havia de abandonar agora nessa hora suprema.

Os exames porêm, vieram, o Bretas surgiu; os exames foram, e o Bretas ficou. Mais duas bombas o prenderam na vala comum do primeiro ano.

Leitor, eu tambem sou aqui da Academia, mas me raspo para as promessinhas da avó, que ás vezes tambem podem fazer bem com um poucochinho de pestanas queimadas, que os meus exames tambem aí vêm. Nota, porém, isto: nunca te fies na *Virgem*... quando barbado como eu sou, sem primeiro tomares um pouquinho de cautela e caldo de galinha, que não fazem mal a ninguem, e... pestanas queimadas, se fores estudante... Vê o Bretas...

**Alcindo Barroso.**

## NOTA ALHEIA

O vespertino cá desta Paulicéia famosa *A Platéa*, saindo-se fóra do sério, publicou esta notazinha que vale, por certo, mais do que a virgindade do padre Faustino:

«A palavra "leis" é igual a zero. Não se admirem. Prova-se isso matematicamente, do seguinte modo:

A palavra "leis" tem 4 letras, o "L" é a 12 letra do alfabeto, o "E" a 5, o "I" a 9 e o "S" a 19.

Somando 12 mais 5 mais 9 mais 19 encontramos 45; tirando a prova dos nove verificamos que 4 e 5 dão 9, noves fóra, nada.

Portanto "leis" é igual a zero.

Está conforme!»

UM VIRGEM E SANTO...

## S. REVERENDISSIMA DEFLOROU UMA MOÇA

**De Ribeirão Preto para o Rio Pardo**

Recebemos a seguinte carta, que publicamos para maior gloria do Padre Eterno:

«Ribeirão Preto, 17—12—915.

Sr. redactor da *A Lanterna*:

Na qualidade de constante leitor do seu apreciado semanario, venho trazer ao seu conhecimento um crime, muito comum entre a clericanalha, praticado nesta cidade. Trata-se dum defloramento duma moça, filha duma familia muito conhecida pela sua loucura religiosa, por um desses representantes do não menos louco Jesus, conforme prova o sabio medico francez dr. Binet Sanglé.

Desta vez o deflorador foi um *muito puro* e famoso padre que, para cumulo da pouca vergonha e escarneo, depois de ter satisfeito os seus instintos libidinosos, foi nomeado vigario de uma outra cidade, onde — maior infamia! — foi recebido com todas as honras! — *Um seu admirador*.»

A essa moça e á sua familia resta agora o recurso de uma queixasinha ao bispo...

Os padres são tão bons, tão puros e tão inocentes, que devem merecer a confiança neles depositada.

Quem não se quer molhar não sai á chuva...

EM VOLTA DA GUERRA

## UM PROTESTO DA "INTERNATIONALE DE LA LIBRE PENSÉE"

**Como encaramos a situação**

A *A Lanterna* foi endereçado o seguinte apelo, que transmitimos aos nossos leitores, acompanhado das observações que ele nos sugeriu:

"Caros amigos,

Para protestar contra a agressão teutonica á custa da liberdade e do principio de nacionalidade, para demonstrar toda nossa simpatia e toda nossa solidariedade para com a heroica Belgica tão duramente atingida por uma guerra scelerada; para com a França que está na vanguarda e é a protectora da liberdade de pensamento; para com a Inglaterra e para com todos os outros povos que estão ameaçados pelo raio do novo Deus teutonico; nós invocamos a adesão dos nossos amigos e das organizações federadas á "Internationale de la Libre Pensée".

A circular aqui junta, que foi redigida pelo prof. Giuseppe Sergi, e á qual estão unidas numerosas adesões, será enviada aos nossos amigos da Belgica e da França em testemunho de nossa solidariedade nesta hora decisiva para os principios de liberdade e de nacionalidade.

Se vós a aprovardes, dignai-vos enviar-nos prontamente vossa adesão e as das diferentes associações que tiverdes podido obter no vosso paiz.

Recebei nossos agradecimentos e nossas saudações fraternais.

*Roma, 1915.*

Pelo Conselho Geral,

**Reggiani.**»

A nossa opinião sobre a horrivel hecatombe que está desgraçando meio mundo é bem conhecida: somos irreductivelmente contra a guerra entre povos, tome ela o pretexto que tomar.

Uma unica guerra admitimos: a do povo oprimido e expoliado contra os potentados opressores e expoliadores. Mas nesta luta os nossos patricios estão aqui e além das fronteiras convencionais, e os estrangeiros nossos inimigos podem tambem ter nascido, como nós, sob o Cruzeiro. Aqueles são os pobres e estes os argentarios.

Não tomamos, portanto, partido nesta peleja horrenda. Não nos fazemos propugnadores deste ou daquele paiz: estamos com o povo de todas as nações, arrastado, á força, para os campos de batalha, e contra todos os governantes, porque foram eles que prepararam, para satisfazer as suas ambições, a conflagração.

O nosso protesto atinge a toda essa cafila, e a nossa solidariedade abrange aos infelizes todos sacrificados pelo crime hediondo da burguesia universal.

## AS MÁIS PROLETARIAS

A vós, máis, é que me dirijo nestas linhas. Vós que criais os vossos filhinhos com tanto amor e desvelo e que, no entanto, não hesitais em permitir que os potentados façam deles instrumentos doceis de seus mesquinhos caprichos.

Se vos fosse permitido assistir á celebre festa civico-escolar realizada no Parque Antartica, no 7 de setembro, onde a entrada para os lugares distintos só era permitida á corja parasitaria, certamente vos sentirieis indignadas contra os carrascos de vossos filhos, desses pequeninos seres — sangue de vosso sangue.

A maneira porque foram tratados pela gente do poder, que procura incutir no cerebro das crianças toda a sorte de preconceitos, afim delas serem no futuro o seu forte baluarte, encheu-me de indignação.

Imaginai todo aquele bando de crianças expostas á inclemencia de um sol ardente, como foi o do dia 7 de setembro, tendo apenas para resguardar as suas delicadas cabecinhas uns leves gorrinhos de setineta branca, enquanto os crapulas opressores do povo divertiam-se apreciando o belo quadro formado pelas pobrezinhas!

Sobre essa festa assim se expressou o matutino burguez o *O Estado de S. Paulo*:

«As crianças todas de branco, e os estandartes todas dt cores vivas, com inscripções a ouro, inscripções máis douradas ainda pela luz forte de um sol de fogo a irradiar-se inclemente das alturas, para maior beleza do quadro e tormento da criançada. O espectaculo era realmente belo!»

Máis, compreendeis bem? O espetaculo era realmente belo... Que individuos malvados! Riem-se ainda da inocencia das vossas criaturinhas.

Enquanto eles, os crapulas, como tiranos cesaricos, desempenhando o professorado, seu fiel dependente, o docil papel de servidor, gosavam o efeito do *belo quadro*, bem acomodados e bem abrigados da *luz forte de um sol de fogo*, as inocentes crianças sentiam o efeito dessa brutalidade. Muitas delas foram acometidas de sérias indisposições, sendo necessaria a intervenção da Assistencia Publica para prestar-lhes socorros e transporta-las para suas casas.

E não é só. Após essa deshumanidade, foi feita a distribuição do lanche ás crianças, que, havendo saido muito cedo de suas casas, outra refeição não haviam tomado senão o café da manhã.

Sabem de que constou o *lunch* oferecido pélo governo aos escolares? Acondicionado em caixinhas de papelão, um *sandwich*, um doce de 100 réis e um pacotinho de bombons! Como se isso fosse suficiente para uma criança, que estava fóra de casa desde ás 7 horas da manhã, para onde regressaram ás 4 da tarde.

E enquanto ás crianças, que contribuiam com a sua inocencia para divertirem os potentados, dava-se esse misero lanche, eles, os jesuitas de casaca, no meio dos quais estavam tambem dois tonsurados, iam tomar... *um ligeiro lunch*, regado com champangne, no *bar* do Parque Antartica, e daí, em comodos automoveis, retirando-se para seus palacetes, onde, naturalmente, se banquetearam com a alma satisfeita de quem cumpriu com os seus deveres...

As crianças, depois de tomarem suas *opiparas* refeições, sentadas pelo chão, foram transportadas para a séde dos grupos escolares, tomando daí cada uma o rumo de suas casas, onde chegaram exaustas e doentes.

Eis o resultado dessa festa de preconceitos patrioticos. As crianças voltaram para casa exaustas e doentes, e os pais, depois das despesas que tiveram com o uniformes exigidos, tiveram depois, além do desgosto de ver seus filhos enfermos, a despesa do medico e medicamentos.

Assim aconteceu com uma minha irmãzinha, que idolatro e que por minha vontade não frequentaria a escola do Estado, onde impera a disciplina autoritaria e a opressão burguesa. Essa menina esteve bem doente em consequencia do sol que apanhou e do jejum forçado a que foi sujeita.

Quantas máis, como a minha, não terão amaldiçoado os organizadores de tão deshumana festa e não estarão arrependidas de terem consentido que os seus filhinhos exposessem assim a sua saude, quando em casa elas estão sempre vigilantes para que, nos seus folguedos, não se exponham ás intemperies.

As professoras, que nas escoles substituem as máis, não deviam permitir semelhante barbaridade, atentando contra a saude de seus alunos. Mas que querem, é a disciplina, é a escravidão da sociedade dominante.

Máis, deveis criar e educar vossos filhos pelo metodo racionalista, livres de quaisquer preconceitos, quer religiosos, quer civis, para que não sejam vitimas da tirania e da exploração desses abutres que se fazem governantes da nação.

Deveis notar que os filhos dos potentados não foram, como os vossos, celebrar a festa da «Independencia do Brazil», alinhados como soldados obedientes á voz do comando, expostos ao sol no campo de foot-ball do Parque Antartica. Eles estavam em companhia de seus pais, repimpados nas arquibancadas, com todos os confortos e ao abrigo da «luz forte de um sol de fogo».

A's crianças das «boas familias» reservaram-se os melhores lugares no Parque.

Essas tinham cadeiras para se sentarem e os melhores *lunchs* para saborearem á saciedade.

**Isabel Cerruti.**

## EVITEMOS O ALCOOL

Como é triste e lamentavel a vida cheia de vicios a que a maior parte do povo, principalmente o operariado, se atira em sua inconsciencia de pária sedento de prazeres! Os carceres regorgitam e nos hospitais não ha mais vaga! Mas quem são os responsaveis de tais desgraças?

Decididamente, não podemos hesitar e a resposta é dura: de tais crimes só podemos responsabilizar aqueles que, dizendo-se representantes do povo, levam o tempo a sancionar leis que são arrojadas ao cesto dos papeis inuteis ou só servem para o tiranizar, asfixiando-o num mar de impostos, esquecendo assim e atraiçoando aquele cujo esforço eles exploraram para galgar o poder.

O Brazil, que pretende fazer parte do concerto das nações com pompa de civilização, é onde justamente com mais frequencia se desenrolam scenas dolorosas de tragedias bordelescas, nas quais tombam, vitimados pelo punhal assassino, infelizes meretrizes, que hontem eram operarias honradas pelo trabalho, e, acossadas pela fome e perseguidas, talvez, pelas promessas de seus amos, cairam na armadilha de um falso amor, que as arrastou á lama da prostituição, trocando desta fórma o trabalho da fabrica pelo horroroso lodoçal do lupanar.

Quem são os responsaveis de tais crimes, que é como se os póde classificar?

Aqueles que, desde as culminancias do poder legislativo, em vez de zelar pela educação da infancia, a deixam crescer na ignorancia mais abjecta, entregue ao mais negro analfabetismo, ao mesmo tempo que, como espirito denegrido de fascinoras, negoceiam grandes emprestimos esterlinos que eles esbanjam no sustento da tal supremacia nacional e de suas amantes. Não reparam, porque não querem reparar, nas condições economicas do povo, de que se dizem representantes e que pelas ruas e praças anda exibindo a sua miseria: — aqui, uma mulher cambaleando cheia de fome e alcool; ali, uma criança entre esbirros conduzida para o carcere, onde entra pura e inocente para sair convertida em ladrão ou assassino.

Onde está o mal?

Quem são os culpados?

O mal está na pessima organização desse regimen burocratico- capitalista que ha longos anos vem dirigindo os destinos dos povos — o Estado. Seja ele republicano ou monarquico, é no Estado burguez onde se encontra o mal que faz do homem uma fera e da mulher uma prostituta. São eles, os legisladores burguezes que das culminancias do poder forjam leis e mais leis reprimindo a delinquencia, deixando livres e sem travas as causas primordiaes do grande mal — o povo explorado no trabalho e envenenado na taberna.

Livre a corrupção, pois o vicio faz parte da civilização burgueza, é para o carcere que atiram os belos frutos de sua obra nefasta.

O culpado é o povo que súa, somos nós que não nos sabemos opôr com a nossa força organizada contra tantas infamias, que consentimos em nos deixar explorar pela canalha sugadora da riqueza social sem nos revoltarmos; nós, os que na taberna procuramos nos envenenar para esquecer as nossas maguas, afogando em alcool os nossos sofrimentos, esquecendo a familia e a nós mesmos, que, cegos e entorpecidos, não vemos o filho do senhorio que, como gavião de afiadas garras esvoaçando em volta de um pombal, ronda a porta do lar em miseria, perseguindo, com falsas promessas de amor, as nossas adoradas companheiras ou as nossas castas e inocentes filhas, que, rendidas pela fome, se atiram aos braços libertinos de hediondos salafrarios que as prostituem, atirando-as ao lodaçal do vicio.

O mal está no Estado, está no regimen capitalista; mas os culpados somos nós que não reagimos. Mas onde encontrar o remedio?

Na Revolução Social, por meio da qual derrubaremos os poderes oligarquicos que nos regem e que são os unicos causadores das miserias que hoje flagelam nossos lares, continuando ele em sua obra se não nos erguermos como um só homem, num gesto energico e decisivo e dizermos — basta!

Organizando-nos, recorrendo ao sindicato de classe e abandonando os divertimentos da taberna que trazem sempre consigo as causas da delinquencia, tristes epilogos que começam na orgia e na embriaguez, acabando por nos trazer a morte ou arrastando-nos ao carcere. Só no sindicato nos poderemos conhecer, estimar, concretizar as nossas aspirações e prepararnos para rehaver o que nos tem usurpado a burguezia com suas leis dominadoras, e implantar uma sociedade nova, igualitaria e livre, onde tudo seja de todos e não exista amos; onde o amor impere e todos trabalhem; onde, enfim, não haja carceres, porque não existirão criminosos.

Combater a burguezia, derrubar o Estado com seu cortejo de leis — eis o meio a pôr em pratica para opôr uma barreira decidida á degeneração que devasta a familia mundial, pondo assim um freio á corrupção que hoje esfacela a especie humana e cujos frutos degenerados vemos por toda a parte.

*Santos, 1915.*

**Manuel Perdigão.**

---

RAMALHO ORTIGÃO

## UM DILETANTE LITERARIO COM GRANDE TALENTO

Registrou-se, ha pouco, o falecimento do ilustre escritor Ramalho Ortigão, após dolorosos e demorados padecimentos e numa idade avançada.

A figura que assim desaparece é bem conhecida no Brazil e ninguem decerto ignora o papel importante que ela desempenhou, a funda influencia que ela exerceu na literatura e nos costumes portuguezes.

Este homem — «grande estilo na *toilette* e na escrita,» como escreveu, ao caricatura-lo, Rafael Bordalo Pinheiro — as sumiu, sobretudo como panfletario das *Farpas*, atitudes que pareceram revolucionarias, traduzindo uma revolta viril contra o Estado e contra todas as convenções sociais.

Afinal, a revolta agia dentro de limites bem restrictos. Ramalho Ortigão, que não passou dum diletante literario com grande talento, apenas auxiliou a transição da burguesia sentimental, romantica, clorotica, idealista do periodo heroico das barricadas e das conquistas liberais para a burguesia pratica, desportiva e realista dos nossos tempos. Os seus argumentos e as suas sátiras podem sem duvida ser aproveitados para outros fins e servir a todos; mas os seus intuitos não iam além do âmbito da sua classe e não tinham um alcance profundamente revolucionario.

Assim, quando depois se viu o panfletario das *Farpas*, numa berrante contradição aparente, fazer-se áulico de D. Carlos e aio de principes, defender ditaduras e repressões, nem todos se surpreenderam com a lamentavel decadencia — que, no fim de contas, era mais na elegancia dos gestos exteriores do que nos sentimentos mais profundos da alma.

---

*Um granadeiro de licença, a instancias de sua mãe, foi confessar-se ao cura da sua aldeia natal. Depois de ter pousado o chapéu no chão, ajoelhou-se e contou todas as suas rapaziadas. No fim, o confessor disse-lhe:*

*— Meu filho, não posso dar-lhe a absolvição.*

*— Mas porque? pergunta o soldado.*

*— E' que não tenho os casos reservados, explica o páraco.*

*— Com mil bombas! brada o granadeiro, erguendo-se e apanhando o chapéu; quem não tem a ferramenta precisa, não abre a loja!*

## VIDA LIBERTARIA

### EM NITEROI

**Grupo de Propaganda Anarquista** — Movidos pela necessidade de conjugar os nossos esforços e energias na propaganda do sublime ideal anarquista, cuja difusão é, infelizmente, bastante diminuta, resolvemos fundar um grupo anarquista denominado Grupo de Propaganda Anarquista, cujas sessões se realizarão aos domingos, ás 5 horas, no largo da memoria, Niteroi.

Não nos ateremos a uma unica fórma de propaganda. Agiremos de conformidade com as circunstancias. E' nosso intento, entretanto, organizarmos uma modesta biblioteca de trabalhos sociais; editarmos e comprarmos folhetos que julgarmos eficazes á propaganda; realizarmos palestras e conferencias, etc., etc., bem como mantermos correspondencia permanente com camaradas e grupos que professam os mesmos ideiais.

Assim sendo, pedimos que nos mandem jornais, revistas, folhetos, manifestos, que possam ser uteis á difusão da nossa causa, assim como os seus endereços.

Outrosim, fazemos sentir aos nossos camaradas o imenso desejo que temos em ve-los unidos em grupos similares ao nosso, afim de que seja um facto a fundação da Federação Anarquista Brazileira.

Essa aspiração requer sómente um pouco de iniciativa e boa vontade.

Saudando fraternalmente os nossos camaradas de todo o mundo, desejamos-lhe:

Saude e Liberdade!

O Secretario, *Mario Nelson Belem.*

Nota — Toda a correspondencia deve ser dirigida a Mario Nelson Belem. Rua Dr. Celestino, 56-A. Niteroi — E. do Rio — Brazil.

### EM S. PAULO

**Centro Feminino Jovens Idealistas** — Tendo em conta que a emancipação moral e intelectual da mulher constitue uma necessidade para a liberdade do povo e que essa emancipação só se conseguirá mediante a instrucção racional e scientifica e pela luta constante em pról dos seus direitos e reivindicações, um nucleo de moças de S. Paulo constituiu um centro com esta denominação que se propõe a trabalhar pelos seguintes fins:

Reunir em seu seio o maior numero possivel de pessoas do sexo feminino;

Manter as mais estreitas e amistosas relações com todas as companheiras que alimentem aspirações de liberdade e com todas as intituições que tenham por fim a emancipação da humanidade;

Criar escolas gratuitas para as jovens que desejem instruir-se;

Criar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social;

Organizar conferencias, festivais instrutivos e recreativos, etc.

Na medida de suas forças, lutando com as mil dificuldades do nosso meio ainda acanhado, bem boas iniciativas as jovens deste centro teem posto em pratica, distribuindo varios boletins, realizando festas, reuniões, palestras e aulas.

Oxalá possa ele vencer os embaraços que teem feito perecer tantos outros centros de propaganda.

A sua séde está na rua da Moóca, 292-A (sobrado).

---

SANTIDADE DO HISSOPE...

## O PADRE DE JAMBEIRO NA BERLINDA

**De como se vê que Themis tem realmente os olhos bem vendados...**

Não ha muito tempo, *A Capital* publicou o seguinte:

"Realizaram repetidas confabulações secretas o sr. deputado federal conego Valois de Castro com o sr. deputado estadual e director do *Comercio*, dr. Mario Tavares.

Apuramos que se trata nada mais, nada menos do que o crime de defloramento de que é acusado o padre de Jambeiro.

O conego Valois jura que o sacerdote é inocente.

Os politicos do lugar e o sr. Tavares acusam-no."

Sobre esse mesmo sagrado caso recebemos a carta seguinte:

«Sr. redactor da *A Lanterna*:

Levo ao conhecimento de v. o seguinte facto gravissimo:

O Tribunal de Justiça, em sessão de vinte e dois deste mez, deu provimento ao recurso crime n. 3.371, de Jambeiro, mandando soltar o padre Victorino Ferreira. Esse padre é acusado de ter deflorado uma menor pobre e desamparada. Está mais que provado que foi o padre o autor do defloramento da menor. Segue junto a este um pedaço do *Correio Paulistano*, para v. apreciar o palido resumo do crime, e esse palido resumo favoravel ao padre. Se v. quizer verificar melhor este facto, dirija-se ao Tribunal de Justiça, cartorio do 2.º oficio, e, correndo, por alguns minutos, os olhos nos autos, verá a pura verdade.

O padre Victorino Ferreira é criminoso, está mais que provado; dos autos consta isso minuciosamente.»

A noticia do *Correio* a que se refere o nosso informante é a seguinte:

«Na comarca de Jambeiro, foi denunciado um sacerdote como autor do defloramento duma menor. As testemunhas, todavia, nada sabiam do facto e apenas o conheciam pela voz publica e pelas narrativas da suposta vitima do atentado.

Em tais condições, o promotor publico opinou por que se arquivasse o processo, mas o juiz foi de parecer diverso e procedeu ao sumario «ex-oficio,» sendo, afinal, proferido despacho de pronuncia contra o reverendo, que recorreu dessa decisão.»

Quanto á devassa nos autos, aconselhada pelo missivista amigo, deixamos de a fazer porque a julgamos inutil.

A Justiça só tem os olhos bem abertos para condenar os desgraçados sem eira nem beira. Os padres, esses são os esteios morais desta sociedade... sublimada...

E temos dito...

---

*Noticia o* Correio Paulistano *que foram descobertas grandes roubalheiras na policia do Rio e que dois soldados, presos no respectivo quartel nesta cidade, travaram luta e feriram-se reciprocramente.*

*Abotoemo-nos e gritemos todos: "Aqui-d'el-rei, quem nos guarda dos guardas!"*

---

### DE TEREZINA

## ALÉM DA SECA... O DIVINO ESPIRITO SANTO

EXPLORAÇÃO IGNOBEL

No actual momento, quando cearenses e piauíenses que imigram dos sertões por efeito da seca enchem as ruas de Terezina implorando a caridade de porta em porta e aos transeuntes, sujos, palidos e tremulos, registra-se a nota dissonante dada pelos *srs.* padres.

Com inveja das esmolas conseguidas pelos esmoleres imigrantes, ordenaram que se desfraldasse a sua rubra bandeira e se rufasse a caixa.

Um velho magro e alto, violeiro de profissão, cantores e tambor, a pomba divina, a vermelha bandeira desfraldada á frente, era o batalhão da segunda cruzada a marchar contra o misero vintem ganho com heroicos sacrificios neste transe de fome por que passa a população terezinense.

E foram de porta em porta.

Aos ignorantes fanatizados roubaram os parcos vintens, deixando-lhes os filhos exangues a chorarem de fome.

Os imigrantes, contrictos, depuzeram aos pés da pomba (o tal Divino Espirito) o que lhes foi dado com sacrificio pelos caridosos. Um verdadeiro tributo de sangue.

E tais histriões de feira iam, de misero faminto a misero faminto, implorando esmolas, revertidas assim aos torpes mercadores da fé.

E enquanto se promoveram festas pró-flagelados em quasi todo o paiz, e aqui se organizou um comité maçonica de socorro e festas foram promovidas pelas normalistas, os tais exploradores da ignorancia do povo fanatizado arrancavam os ultimos recursos dos famintos.

O movimento pró-flagelados não se notou nas fileiras catolicas. E' a religião de mãos dadas com o banditismo, que, com o desenvolvimento da educação, terá que ruir!

Faz-se necessaria uma heroica campanha para o exterminio das trevas e a irradiação da luz entre vós, ó explorados catolicos terezinenses, eterna presa dos tentaculos do polvo negro e exangue a se debater nas trevas da religião mercadora.

E' preciso luz, mais luz!

*Terezina, 1915.*

**Mac-Mehodrach.**

---



*Um dia, o actor Dancourt (1661-1721), já celebre, encontrou o seu antigo professor, o padre jesuita Delarue. O jesuita, a quem não podia esquecer que o seu ex-aluno recusara entrar na Companhia de Jesus, começou a admoesta-lo por ter escolhido tão mundana profissão. Perdendo a paciencia, Dancourt exclamou por fim:*

*— Ora adeus, meu reverendo padre, que tendes que dizer á minha profissão? E' quasi a vossa: a unica diferença é ser eu comediante do rei e vos comediante do papa.*

## A guerra europeia é uma guerra de negociantes

**AS NAÇÕES FORAM PRECIPITADAS NA CHACINA HORRIVEL PARA SATISFAZER A AMBIÇÃO DOS POTENTADOS — TODOS OS GOVERNANTES SÃO CULPADOS**

III

Temos pretendido demonstrar com factos historicos, com exemplos gritantes, de todos conhecidos, que o movel, o motivo, a causa primaria desta hedionda matança que grassa na velha e suposta civilizada Europa, é a necessidade que os governos burguezes teem de satisfazer aos grandes fornecedores, aos grandes industriais, aos donos das grandes fundições, enfim a toda a casta de parasitas que vivem chupando o sangue dos trabalhadores, a seiva das nações, não trepidando em precipitar estas umas contra outras numa chacina canibalesca e interminavel contanto que disso resulte chorudos ganhos, fortunas nababescas, campo aberto a novos assaltos, a novas banditices, a novas roubalheiras.

Viu-se que essas nações que se arrogam o titulo de civilizadas, que blasonam de liberais e de cultas, nada mais teem feito do que invadir povos pacificos e indefesos e, pela força das armas, escraviza-los, extermina-los, perverte-los e obriga-los a produzir em troca de lentejoulas, de trapos vermelhos, de vidrilhos e do maldito e abominavel alcool. Foi isto que os europeus trouxeram á America e o que levaram mais recentemente á Africa e á Oceania, e que não levam a mais parte nenhuma porque o mundo já está todo descoberto e nos polos não ha populações susceptiveis de trabalhar e de se embriagar.

Sim, conhecemos bem a obra civilizadora realizada pelos belgas, no Congo; pelos farancezes, no Tonkin, na Tunisia, na Algeria e em Marrocos, de sociedade com os hespanhois; pelos inglezes, na india, na China, no Transvaal e Orange e na desgraçada Irlanda; pelos americanos do norte nas Filipinas e em Cuba; pelos russos e japonezes na Mandchuria, e por muitas outras nações, em mais pequeno ponto, se bem com os mesmos intuitos, por exemplo a obra civilizadora dos italianos na Abissinia e mais recentemente em Tripoli. Mas isto é tudo quanto se queira chamar, menos civilização, dirão! — Perfeitamente, civilisação de arrocho, civilização de caranguejo, civilização ás avessas que outra coisa não é que o regresso aos mais ominosos tempos de barbarismo, de canibalismo, de vandalismo. E' o paradoxo erigido em sistema, a fantasia velando a verdade, o absurdo levado á conta de sensatez, dizer que esta guerra é uma guerra em defeza da democracia, da civilização e de outros que tais vocabulos.

Por mais que queiram engodar os ingenuos e os papalvos; por mais que pretendam dourar a pilula, só os espiritos obsecados, incultos ou desorientados se deixam levar no engodo, se deixam mistificar.

Esta guerra é tão civilizadora como as guerras que a França sustentou no tempo e sob a direcção de Napoleão, o bandido corso, como tão justamente A. Comte o denominou, invadindo a Europa inteira, os estados germanicos, a Austria, a Russia, a Italia, a Espanha e Portugal, dispondo a seu bel talante destas regiões e destes povos, nomeando os seus parentes para reis destes territorios, arrebatando quantos objectos de arte e de valor encontravam no seu caminho, e exercendo violencias como em todas as guerras se exercem, porque indica mesmo violencia, incendio, vingança, morte; a questão essencial é vencer, não se olha aos meios.

Porque para quem conhece um pouco de historia, esta nefanda conflagração europeia, este pesadelo mortifero que persegue a humanidade ha mais de um ano, teve a sau genesis, a sua origem nas invasões napoleonicas, todo este movimento guerreiro observado na Alemanha, que explodiu em 1870, dando-nos um ar da sua graça, e que atingiu o supremo apogeu na actual emergencia, pode-se justamente filiar ás invasões napoleonicas.

Mas demonstremos: os estados germanicos viviam socegados e pacificos, trabalhando as suas terras e cuidando dos seus gados, quando os exercitos de Napoleão invadiram as suas terras, os seus lares, violaram as suas mulheres e filhas e arrogaram-se dar leis em casa alheia.

Estes povos, feridos por esta afronta, humilhados e vexados em tudo que mais queriam, pensaram logo em se desafrontar e "o que se não faz em dia de Santa Luzia, faz-se ao outro dia". Impotentes, pelo momento, de realizarem o ritão biblico, "olho por olho, dente por dente", acalentaram o desejo de, com o tempo, se desforrarem brilhantemente e foram pensando em se armarem cada vez mais e, após a unificação de todos os estados germanicos, num só bloco, sob a hegemonia da Prussia, não foi dificil realizar a odiosa tarefa. Em 1870, a Alemanha arrebatou á França duas provincias e 5 biliões de francos e, depois deste sucesso, era de supôr que não pararia no caminho das suas conquistas, antes a vitoria lhe serviria de incentivo a emprezas maiores.

De modo que a França actual está pagando dividas velhas e não é para admirar, porque tudo neste mundo é um encadeamento. Fugir ao dever que o pagar é certo, diz um velho ditado.

E vemos que o discipulo mais eminente de Napoleão foi o actual imperador da Alemanha. Tomou-o por modelo e tentou, ele tambem, conquistar o mundo, subjugar os povos, vencer e dominar, como Napoleão tinha desejado. Veremos se o epilogo será analogo.

Mas a mesma França não é inocente na contenda como ela pretende apresentar-se.

Apezar de haver decorrido 45 anos, após ter perdido a Alsacia e a Lorena, havia na França um partido reacionario, guerrista, que não pensava em mais nada a não ser na "revanche" e que mantinha, por meio duma imprensa reptilesca, estas idéias mesquinhas de desforra, os orçamentos de guerra e de marinha aumentavam de ano para ano numa proporção assombrosa; os estaleiros navais construiam sempre mais e mais navios para a destruição; as grandes fundições não se cansavam de inventar e construir sempre novos e mais aperfeiçoados canhões; aumentou-se o tempo de serviço militar, passando de 2 para 3 anos; arranjaram-se alianças hibridas como essa com a barbara Russia e com a rapinante Inglaterra, enfim, tudo isto são prognosticos evidentes e irrefragaveis de que o fogo estava lavrando e que o vulcão, mais dia menos dia, explodiria em lavas, em cinzas e em morte.

Mas ha provas mais concludentes e decisivas. Existe em Paris o Arco do Triunfo da Estrela, monumento mandado erigir por Napoleão I á gloria dos exercitos francezes e no qual estão gravados os nomes de 386 generais que invadiram toda a europa, como tambem as batalhas ganhas por eles e nas quais os outros povos foram derrotados. E um monumento destes não é uma afronta aos sentimentos pacificos dos outros povos? Não será um motivo de vexame e de humilhação para os paizes que sofreram as invasões, e um motivo de vangloria para os francezes?

E a coluna de Vendome? Não é outro monumento proprio para irritar a dignidade dos outros povos? Não é uma coluna construida com o bronze de 1200 canhões tomados pelos exercitos de Napoleão aos povos que estavam invadindo?

Pois apezar dos comunalistas de Paris a terem derrubado, quando do cerco feito pelos alemães áquela cidade e da proclamação da Comuna de Paris, como uma prova evidente de que eles queriam mesmo a paz em toda a terra, a republica franceza, derraotada a Comuna, apressou-se em mandar reergue-la, e lá está ela, no meio da praça do mesmo nome, a afrontar os sentimentos benevolos dos outros povos, a fazer reviver dores, feridas e atrocidades passadas e para as quais era conveniente o véu do esquecimento.

Não; digam o que queiram todos os interessados da guerra, a verdade é que esta carnificina tremenda e odiosa não é movida por sentimentos bons, honestos, nobres e puros, mas sim por tudo que ha de baixo, de vil, de ruim nos ho-

mens que se arrogam o direito de derigir as nações, de arremeçar os povos uns contra outros, para que os seus negocios e os de seus apaniguados não periclitem, não sofram baixa. E a actual guerra é uma fogueira para a qual todas nações contribuiram com a sua acha. Nenhuma está inocente: todas são cumplices.

**Pinho de Riga.**

*Diz um cabograma de Lisboa que os restos mortais do marquez de Pombal vão ser transladados para a basilica de Belém.*

*Já agora, não deve, pois, causar estranhesa que amanhã alguma gazeta publique este "furo": «Os restos mortais, em efigie, do Tinhoso vão ser transladados para o palacio do cardeal Arco-Verde.»*

# Vida Proletaria

Para a acção proletaria deste Estado e, talvez, do Brazil, o momento que atravessamos não é, por certo, dos mais favoraveis.

Bem pouco é o que se vai fazendo em relação á colossal obra que precisa ser atacada com prontidão e energia.

Entretanto, sempre algo está sendo feito pelos poucos abnegados cuja energia não sofreu abatimento com as tremendas dificuldades da hora presente.

A Confederação Operaria Braizleira, que tem a sua séde no Rio, reunindo associações daquela cidade e dos Estados, prosegue na sua obra. O mesmo acontece com as demais agremiações ainda não confederadas.

No Estado de S. Paulo já se trabalhou com mais afinco. E' bastante penalizados que devemos registrar o esmorecimento do activo e energico movimento de Santos, que tão belas paginas escreveu na historia obreira.

Em S. Paulo, durante o periodo de interrupção da *A Lanterna*, suspendeu a sua actividade a Liga dos Trabalhadores do Braz e Belemzinho, resurgindo, em compensação, a União Geral dos Trabalhadores, com séde á rua da Moóca, 292-A, que está em actividade, já tendo promovido varias reuniões de propaganda e de organização, entre elas a dos trabalhadores em fabricas de tecidos, que teve lugar no domingo passado, com regular concorrencia, no bairro do Braz. Dela resultou a formação de uma comissão encarregada de tratar de ultimar os trabalhos da organização da classe.

A União dos Canteiros, a velha sociedade de resistencia que ainda não sofreu interrupção na sua actividade, vai continuando a enfrentar a ganancia dos patrões. Pena é que á sua constancia não se alie um mais largo espirito sindical, procurando orientar-se na luta de classes que tende á transformação da sociedade com a abolição do salariato e a socialização dos bens saciais.

Para isso trabalharão, certamente, os companheiros dela componentes, incorporando-se á falange do proletariado consciente, que ha-de ir crescendo e aumentando a sua actividade na grandiosa peleja contra os exploradores e potentados.

## SORTEIO PRO-"A LANTERNA"
### Um grande terreno

**Doado por um amigo para ser sorteiado em favor da folha, a 2$000 cada bilhete.**

**Enviaremos circulares com todas as informações e um certo numero de bilhetes para serem vendidos.**

## Azeite para "A Lanterna"

# Subscrição voluntaria permanente

Embora tenha a *A Lanterna* a sua base de existencia na renda das assinaturas, necessita ela, para que o «azeite» não lhe falte, da ajuda da subscrição voluntaria, que doravante manteremos permanentemente aberta em nossas colunas.

De preferencia, os partidarios do jornal devem se esforçar para lhe conseguir assinantes, entretanto, quando não o possam fazer, não lhes será dificil correr uma lista ou fazer uma colecta entre os seus amigos e simpatizantes da nossa obra.

E todo aquele que possa contribuir com alguma quantia, por pequena que ela seja, não se faça esperar: envie-no-la imediatamente pelo correio, em vale postal ou em carta registrada com valor declarado.

Se ha pessoas cujas condições apenas lhes permitem pagar a importancia da assinatura, outras existem, porém, a quem não ficaria pesado, de quando em vez, contribuir para ser reforçada a caixa do combustivel da folha...

Assim poderemos mais depressa desembaraça-la dos compromissos que a sobrecarregam e ir melhorando a sua feitura de formas a ela poder corresponder devidamente ás necessidades da propaganda.

***

A's pessoas a quem enviamos listas pedimos que no-las devolvam o mais breve possivel com as importancias que contiverem.

***

Registamos a seguir as quantias que os bons amigos da *A Lanterna* já nos enviaram.

As importancias que antecedem os asteristicos já foram publicadas.

São as seguintes:

Lista n. 10, a cargo do sr. Firmino Gomar, de Jaú . . . 12$000
Lista n. 42, a cargo de João Bouhaben, de Piratininga. . . 17$000
Lista n. 63, a cargo de Angelo Vizzotto, de P. de Caldas 11$500
Lista n. 56, a cargo de José Segura, de S Carlos . . . . . 34$000
Sr. Joaquim Gomes de Carvalho, de S. Paulo . . . . . . 10$000

***

Lista n. 104, a cargo do sr. Julio Conceição. . . . . . . . 50$000
Lista n. 20, a cargo do sr. Adolfo Fernandes da Silva, de Cachoeira: A. F. da Silva, 2$; Colandi Fernandes, 1$; José Duarte, $500; José T, 1$; Cajado, 2$; Freitas Brandão, $500; Hilario Roberto, 1$ 8$000
Lista n. 47, a cargo do sr. Miguel Spinelli, de Bebedouro: M. Garcia Senra, 1$; Samuel Alves, 1$. Artur Campos, 5$; Miguel Spinelli, 3$; 10$000
Lista n. 108, a cargo do sr. Antonio B. da Rosa, de Araçariguama: Antonio Braulino da Rosa 2$; Marcina de O. Rosa, $500; Inacio de O. Rosa, $250; Bartolomeu G. da Rosa, $250; José dos Santos, 1$; Francisco Rodrigues, 1$ 5$000
Lista n. 41, a cargo do sr. Tamaro Rotondo, de Ribeirão Pires: T. Rotondo, 1$; Enrico Cruciani, $600; Santiago Pasqual, 1$; Domenico Finamore, 1$; Giovanni Segatti, $500; G. Andriani, $200; L. Cordo, $500; M Cordo, $500; Casimiro Suarez, $300; Manuel Garcia, $500; José Ramon, $500; José Garcia, $500; Michele Caruzzo, 1$; Un povero de spirito, 1$; Um anonimo, 1$; Inacio Ferreira, 1$; Vicente Tedesco, $500; Gugliermo Perico, 1$; Antonio Pereira, 1$; Dario Rizzi 1$; Un rinegatto, $500 . . . . . . . . . . . 15$100
Sr. José Cerruti, S. Paulo 20$000

SOMA TOTAL . . . 192$600

## BILHETES E RECADOS

Rio — Macedo: Mãos á obra e... "toca p'r'o pau"... Retomamos a ofensiva com uma gana... Do setor carioca confiamos-te o comando. E tu tratarás de levar a cabo um rapido movimento envolvente aos assinantes e vendedores, impondo-lhes uma contribuição de batalha... Coragem, porque, como sabes, somos os enviados do Padre Eterno...

— Lacerda: Cá estamos, vivinhos da silva. O sueto forçado já nos estava enervando. Lembra-te de que és "lanterneiro"...

— G. A. Menezes: Publicaremos o artigo. Aceitamos a colaboração ilustrada.

Santa Maria — F. M. Guimarães: Abraçamos o novo soldado da revolução. Contamos com o prometido, agradecendo-te antecipadamente.

Pelotas — T. Costa: Saudamos o antigo auxliar da folha rebelde, pedindo-lhe comunicar-se connosco sobre os assinantes dessa cidade.

Terezina — Mac-Mehodrach: Contamos com a sua ajuda para conseguir a divulgação do jornal nessa cidade. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

Cáceres — Marquez de Pombal: Com o auxilio do amigo, *A Lanterna* poderia estender a sua circulação aí. Gratos lhe ficariamos.

Florianopolis — C. E. de M: Aí vai a resposta ás suas cativantes cartas. Temos recebido o valente *O Clarão*.

Porto Alegre — Pitagoras: Neste numero terá a explicação da falta de regularidade na nossa correspondencia. Os embaraços foram tremendos. Vamos escrever á pessoa que teve a bondade de nos indicar para nosso agente nessa cidade.

Coritiba — A Moral: E' preciso que faças o possivel para nos satisfazer. Sabes que devemos fazer o mesmo com os fornecedores.

## «A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 105 engraxate.

*Em politica, já não temos ilusões. Dos fins do seculo passado até hoje, a politica de todos os regimens é, em toda a parte, a arte mesquinha de enganar o povo, com mais ou menos habilidade, com maiores ou menores violencias, desta ou daquela maneira. O povo bem o percebe, e, por isso, cada vez tende mais para a solução radical do socialismo, que um dia ha-de achar uma formula universal para realizar as suas aspirações.* — **Dr. Julio de Mesquita.** *(Director d'O Estado de S. Paulo).*

## ENTRE CAMPONESES
### de Errico Malatesta

| | | |
|---|---|---|
| 500 exemplares | ....... | 60$000 |
| 300 » » | ....... | 42$000 |
| 100 » » | ....... | 15$000 |
| 50 » » | ....... | 7$000 |
| Avulso | ................ | 200 |

UMA PRAGA FRANCISCANA

# A fradalhada infesta o Estado de Mato Grosso

**Estupidos e ambiciosos — Cavações fartas e bebedeiras — Em que conciste a tal fraternidade deles — A femea do mesmo bicho tambem age — E o povo é quem paga tudo...**

A praga de "gafanhotos" está cada vez mais aumentando neste Estado.

Ha 8 anos atraz, apareceu por aqui uma meia duzia de caricatos franciscanos, hoje temos mais de um cento desses inimigos da humanidade e do progresso.

Ultimamente, em Cuiabá, a franciscanada urdiu uma intriga que repercutiu até nas secretarias do Estado, dando lugar a demissões injustas por parte do novo presidente que, talvez mal informado, tem espalhado cortezias ás mãos cheias aos frades de saia e de casaca.

Em Cuiabá, a corja franciscana chegou ao ponto de se ter entrincheirado, desafiando desse modo a população cuiabana que lhes deu agasalho e lhes enche o bandulho. Presentemente, neste Estado, póde se dizer, é a época dos frades.

Ambiciosos por dinheiro e por posições, entenderam agora de arvorar aqui um bispo, um dr. (?) Galibert, que foi recebido nesta cidade como antigamente se recebiam os capitães generais.

Aqui chegado o *soi-disant* bispo, um cavador, não tem faltado quem não queira ve-lo, beija-lo e aprecia-lo.

O que muito me admira é ver o povo, nesta crise que se tem feito sentir por toda a parte, receber alegremente estes individuos que não são uteis a coisa alguma, porque os franciscanos nem ao menos se dedicam ao magisterio, como fazem os salesianos.

Agora, entre os franciscanos, de cem tira-se um que sabe alguma coisa. A proposito, ainda agora, na matriz desta cidade, um dos tais franciscanos fez um sermão tomando por tema — "A Fé". Querem saber o que disse semelhante animal diante dos catolicos e *catolicas*?

Aí vai um pedacinho do sermão:

"Meus carissimos irmãos!

A Fé é um pau fincado no buraco, quanto mais sóca, mais duro fica."

E que tal? destes pedacinhos de ouro aparecem todo o dia, porém, o autor destas linhas não tem o prazer de os ouvir, porque não frequenta o balcão da igreja e só de quando em vez é que póde colher alguma informação, sempre incompleta.

Falemos tambem das madres, isto é, das freiras.

Elas sempre andam aos pares; quando por aqui chega um frade, não demora que logo venha uma madre. Assim é que já temos aqui perto de uma duzia de gaivotos.

Elas não são menos ambiciosas e astutas do que eles, senão vejamos: As freiras fundaram aqui um colegio de meninas, e, sem nada ensinarem, vivem a explorar pobres e remediados.

Ainda mais, pondo em jogo a exploração, as freiras, sendo religiosas apenas aparentemente, não conhecem a bela frase atribuida se Cristo — *Sinite parvulus venire ad me*, consenti que as crianças se aproximem de mim.

Cristo, assim procedendo, não separava o pobre do rico nem o preto do branco, entretanto, as madres daqui, explorando sempre, recebem os filhos do rico em sala reservada e o filho do pobre nem siquer tem ingresso pela porta do colegio; fica em um varandão proximo á cosinha.

Note se que o filho do pobre, apesar de ser ensinado de graça como elas proclamam, paga muito mais que o filho do rico no decorrer de um mez, como se verá.

O filho do rico é explorado uma só durante um mez, pagando uma mensalidade; o filho do pobre, ao contrario, paga todos os dias, levando para as madres duzias de ovos, leite, galinhas, cachinhos de bananas, etc; e não leve ele diariamente estas coisas, para ver como será logo dispensados, sob pretesto de qualquer falta.

O que aí fica é uma verdade, e servirá de espelho áqueles que inconscientemente se deixam iludir por semelhantes rapineiras.

Os pobres perambulam diariamente por esta cidade, esmolando, e, no fim do dia, as migalhas que recebem mal dão para mitigar a fome, e isto porque, os catolicos daqui, quando lhes bate á porta um miseravel, eles o consideram como um ocioso, atirando-lhes um niquel ás mãos, e isso por não haver mais cobre em circulação; porêm, quando aparece algum frade de saia ou de fraque, leva a bolsa cheia.

Ainda não ha muito tempo, a subscrição que fizeram para a recepção do bispo, rendeu contos de réis, chegando até para comprar seis caixões de cerveja, que foram esvasiados no convento dos franciscanos, por eles e pelos catolicos apostolicos romanos desta terra tão infelicitada por esses abutres da rotina, e isto no meio de discursos incendiarios e torpes ameaças áqueles que eles apelidam de anticlericais.

No largo da matriz, existia um cruzeiro de madeira, que, ha tempos, apareceu serrado. Não lhes digo nada; a franciscanada ficou hidrofa de tal fórma que chegou a conseguir a demissão do delegado de policia José Maria Castanho.

Essa demissão injusta e inesperada não deixou de provocar protestos da parte da população cacerense

*Caceres, (Mato Grosso), 1-916.*

**Marquez de Pombal.**



# Escola Moderna N. 1

Grande festa escolar organizada em seu beneficio, a realizar-se a 12 de Fevereiro, ás seis horas da tarde, na dependencia da mesma, á Avenida Celso Garcia, 262 (antigo Grupo Escolar do Belemzinho).

O programa constará de orquestra, conferencia, cantos de hinos, recitativos escolares, quermesse e baile famliar.

FOLHETIM DA LANTERNA (58)

CARLOS MALATO

# OS COMUNEIROS

**Tradução especial para 'A Lanterna**

**SEGUNDA PARTE**

**Padilha**

CAPITULO II

**Um conciliabulo**

Via com secreto contentamento os acontecimentos prestes a violentarem a vontade ainda hesitante dos chefes comuneiros, constrangendo-os á acção e varrendo neles os ultimos escrupulos lialistas. Desejava sobretudo a entrada em scena do povo, grande e anonimo actor das revoluções, cujo impeto, se não fosse retido, podia ser irresistivel.

Davolos levantara-se:

—D. João, perguntou ele, quando tencionais partir para Santiago?

—Amanhã de manhã, pelas nove horas.

—Muito bem. Fazei o favor de me esperar: viajaremos juntos.

Padilha inclinou-se em sinal de aquiescencia.

Davolos cumprimentou os companheiros e retirou-se, não sem que Huerta tivesse com ele trocado rapidamente algumas palavras em vabaixa. Esta saída não tardou a ser seguida pela dos outros comuneiros.

—Tenho que partir tambem, disse o mais velho dos Maldonados. O meu lugar é em Santiago, aonde me chegará por certo a minha comissão de procurador.

Francisco Maldonado levantara-se muito naturalmente para seguir o irmão. Embora não fossem gemeos, eram quasi tão inseparaveis como Castor e Pólux e pareciam constituir ambos um só ser, com uma diferença: Pedro, pelas suas funções electivas, era mais inclinado a falar e Francisco mais propenso a bater-se.

— Quanto a mim, disse Zapata, tenho que voltar para Madrid.

— Como! disse Padilha, rindo; ides todos deixar-me assim? Espero, pelo menos, que vós ambos sereis meus hospedes até amanhã de manhã.

Voltara-se para Huerta e Bravo, o primeiro dos quais fez um gesto amigavel de recusa que assombrou o moço cavaleiro.

— Como! murmurou ele, tambem vós, meu digno amigo? Tereis contra mim algum motivo de queixa?

— E' claro que não! protestou Huerta.

Não podia, na verdade, guardar rancor a Padilha pelo facto de este, seguindo os impulsos do coração, ter desposado Maria Pacheco. Todavia, após o casamento, evitara ver o filho do comendador, limitando-se a corresponder-se com ele para o manter nas mesmas ideias. As comunicações entre Valencia e Toledo não eram frequentes: Huerta desforrava-se escrevendo de cada vez longamente.

— Pois eu, disse Bravo, fico convosco, Padilha; nem nos degraus do patibulo vos quero abandonar.

Disse isto, rindo; mas a visão evocada do cadafalso tornou frios aqueles homens, na maior parte moços e cheios de vida.

— Quem sabe? murmurou pensativamente João de Padilha.

CAPITULO III

**Onde se vê reaparecer Santafierno**

Enquanto os comuneiros reunidos assim discutiam a situação, Maria Pacheco atravessava a cidade a pé, acompanhada por uma só das suas aias, em direcção á catedrar.

De saude delicada, caminhar era para ela, na opinião dos medicos, um exercicio favoravel. Por isso o fazia ela todos os dias, durante uma hora pelos menos: a jovem esposa parecia presentir que iam em breve sobrevir acontecimentos nos quais ela necessitaria não só da sua energia moral, mas tambem de forças fisicas.

Do seu lado, Padilha não achava que uma mulher casadatinha o dever rigoroso de ficar presa no lar. Contrariamente á imensa maioria dos seus compatriotas, cuja fé catolica era enxertada em costumes arabes, ele entendia com firmeza que todos os seres humanos, sem distinção de sexo, teem direito ao sol, ao ar livre, á liberdade.

Nessa mulher, porêm, que andava com passo seguro, embrulhada numa comprida capa cinzenta, de tecido simples, e com o rosto meio escondido pela mantilha, ninguem se lembraria de reconhecer a filha do marquez de Mondejar, esposa da da primeira personagem de Toledo.

Por uma concessão forçada ao espirito da epoca, não andava só no dédalo da velha cidade. Mas não era absolutamente a respeitavel D. Dolores que a acompanhava. Maria, que a tagarelice pueril da dueña fatigava, tinha-a, não despedido, medida cruel, mas elevado ás lisonjeiras funções de intendente, que a afastavam um pouco da sua pessoa. Era uma jovem e inteligente segoviana, Linda Ruiz, quem caminhava ao lado de Maria. Par amigavel, no qual seria dificil, á primeira vista, distinguir a ama da aia, pois que, despidas uma da arrogancia e a outra de servilismo, conversavam livremente, como duas camaradas de condições iguais.

Era frequentemente a catedral o alvo dessas saidas: Maria gostava de rever o edificio onde ela fôra solenemente unida ao homem eleito do seu coração. A sua fé no futuro avivava-se com a recordação comovente desse formoso dia em que a voz poderosa dos orgãos, acompanhando o caminhar dos dois noivos para o altar, como que descia do céu, respondendo á benção do padre. Que acontecimentos, por mais tempestuosos que fossem, poderiam jamais prevalecer contra a protecção do alto pairando sobre a altiva lialdade do amor deles?

Mas Maria não era só cristã: nela palpitava uma alma de artista, e ela admirava tambem a majestade do suberbo edificio que dominava a cidade com a sua flecha arremessada para o céu. Fôra o rei Afonso VI que, trezentos anos antes, a mandara construir pelos arquitectos manseses no sitio duma igreja primitiva tranformada em mesquita. Mestres inexcediveis, tinham os constructores franceses criado uma joia sem par, casando a arte gotica com a arte arabe.

A' arte gotica, pertencia a catedral pelo seu estilo ogival, pelos seus vitrais e pela originalidade poderosa que animava, no emmaranhado das esculturas, as figuras e as quimeras; á arte arabe, pela riqueza maravilhosa da sua ornamentação e pela disposição das colunatas. Mas o que sobretudo deslumbrava era o altar-mor com o seu cortejo formigante de nichos, estatuas e baixos-relevos, e essa parte não era gotica nem arabe; datando apenas de vinte anos atrás, reflectia em seus pormenores o genio vivo e ousado da Renascença.

—Será possivel, pensava Maria, que tenham de viver escravos de outros homens os homens que levantam tais obras-primas? Não; só pode haver para todos um amo e um pai: Deus!

Assim, o seu amor entusiasta da liberdade fundia-se com a sua fé religiosa, profunda, em duvida, mas tendendo a elevar-se cada vez mais acima das superstições correntes.

Nesse dia, tinha Maria saido para o seu habitual passeio. Conversando com Linda, tinha subido as ruas que trepavam para a catedral e, depois de ter parado um instante diante do pórtico, entrara no edificio, seguida pela sua companheira.

De repente, esta tocou-lhe levemente no cotovelo. Maria voltou-se e recebeu logo um choque em todo o seu ser. A dez passos dela e comendo-a com os olhos, estava um homem encostado a um pilar e imovel como uma cariátide. Na penumbra das abobadas, a jovem adivinhou mais do que reconheceu aquele que, sete meses antes, tentara violenta-la. Era com certeza ele, o raptor a quem ela, debatendo-se, puxara a mascara e entrevira a face, por um instante apenas, mas pelo tempo bastante para não mais se esquecer dele! A despeito de toda a sua coragem, imobilizou-a a surpresa ainda mais do que o terror.

*(Continúa).*